

Psicanálise sem Gênero ?

Christian Ingo Lenz Dunker

Rafael Kalaf Cossi

No contexto da vinda de Judith Butler ao Brasil, para um colóquio sobre democracia que organizamos pelo consórcio USP e Universidade de Berkeley no SESC, recebemos inúmeras críticas e enfrentamos muitos atos de represália. Também entre psicanalistas observamos uma reação de reticência, manifesta no seguinte comentário de Marcus do Rio Teixeira: *“Uma vez que frisam que a autora é uma excelente filósofa, por que não dizem porque concordam com suas teses? Sendo psicanalistas, consideram tais teses coerentes com a teoria psicanalítica? Se acham que sim, por que, de que forma?”*. Para mostrar, por meio de um contra-exemplo, como a leitura e a confrontação entre psicanálise e teorias de gênero, particularmente a obra de Butler, é relevante e produtiva postamos um artigo de nossa autoria¹ entre outros tantos disponíveis sobre a matéria.

Agradecemos Marcus Teixeira por seu comentário circunstanciado de nosso texto, ainda que ele reflita um momento anterior de nossa pesquisa. Sua leitura padece da mesma camisa de força universitária de nosso artigo, ao expor suas objeções ao modo de um parecerista, recenseando momentos em que lemos Lacan corretamente ou onde nos equivocamos.

Várias das considerações de Teixeira deixam claro como Butler, herdeira das críticas de Foucault, interessa à psicanálise como uma autora que nos ajuda a colocar problemas novos, como queríamos sugerir. Problemas que não se resolvem apenas pelo critério coerentista de adequação ao texto de Lacan, como argumenta Marcus. Por exemplo, Foucault afirma que a psicanálise possui compromissos arqueológicos com a “confissão pastoral cristã”, mas também afirma que a psicanálise de Lacan recoloca a questão da verdade em termos éticos. Teixeira ironiza essa atitude ambígua de olhar para uma prática e perceber nela alguns elementos críticos e outros ideológicos. Para ele ou se está em coerência com a psicanálise, ou se está contra ela e Foucault ou Butler são inimigos. A ideia de que a psicanálise ela mesma possa se transformar com o tempo, absorvendo novos conceitos e ideias provenientes de outros campos e práticas lhe parece estranha. Obviamente o ganho de

¹ Dunker, C.I.L. & Cossi, R. (2017) A Diferença Sexual de Butler a Lacan http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722017000100404&lng=en&nrm=iso&tlng=pt

ler autores que mantêm uma atitude ambígua com a psicanálise, é nos fazer perguntar: qual psicanálise queremos? Por isso nosso texto começa por uma longa crítica a Butler, apoiada em Žizek e Copjec, e termina por salientar algumas tantas afinidades entre ela e a teoria lacaniana da sexualização.

O que Butler chama de “gêneros ininteligíveis” nos parece compatível com a tese de que “a mulher que não existe”. Para nossa surpresa, Teixeira nos acusa de jogarmos com “cartas marcadas”. Diz que fazemos uma “intervenção forçada” traduzindo conceitos de *corpus* teóricos diferentes e que enganamos o jovem “leitor iniciante” com uma versão butlerianizada da psicanálise. O comentário é sem pé nem cabeça. Primeiro porque nosso procedimento visa mostrar justamente onde e porque há uma diferença entre autores e onde eles se aproximam. Segundo porque nem tudo são autores e ideias, há ainda o mundo e a clínica que se apresenta diante de nós, renovada a cada vez. Terceiro porque Lacan não cessa de trazer conceitos de outros *corpus* teóricos. A ideia de que uma teoria é uma raça pura que não deve ser misturada, traduzida ou comparada é de grande ingenuidade epistemológica.

Afirmamos que os “semblantes imaginários ou dêixicos performativos”, situados no primeiro andar das fórmulas da sexualização como “homem” e “mulher”, aproximam-se da concepção de gênero em Butler, que os define como performativo. Isso abriria uma pesquisa possível que é tentar mostrar como a noção de performativo pode enriquecer o conceito lacaniano de semblante,² bem como o conceito de “diferença sexual” em Lacan³, como de fato aprofundamos em trabalhos posteriores. Para Marcus isso parece representar apenas um problema de incorreção textual: “Pois, se as ditas fórmulas dizem respeito ao real do gozo e ao simbólico da função fálica, onde estaria o imaginário? Quando Lacan escreve $\forall x. \Phi x$ (todo x é Φ de x) para o homem, onde seria possível ler nesta fórmula o semblante com que um homem deve se apresentar para ser reconhecido como tal, segundo as modalidades da cultura na qual se insere? Onde, nas fórmulas, é possível encontrar o caráter performático tão característico do semblante?”⁴. Aqui fica claro como Teixeira entende de modo muito parcial a teoria da sexualização em Lacan, reduzindo-a as fórmulas da sexualização e subsequentemente aos grafemas lógicos do seu segundo andar. Ele não leva em conta que para ler as fórmulas é preciso contar com o primeiro andar onde do lado esquerdo posiciona-se o semblante “homem” e o do lado direito está “mulher”. Ou conforme “L’Étourdit”: “De dois modos depende o sujeito aqui se

² Dunker, C.I.L. (2017) Semblante, Gozo e Fantasia: por uma transleitura da sexualização. In Mariano Daquino, *A Diferença Sexual: Gênero e Psicanálise*. São Paulo: Agente.

³ Cossi, R. (2017) *A Diferença dos Sexos: Lacan e o Feminismo*. Doutorado em Psicologia Clínica. Instituto de Psicologia da USP.

⁴ Teixeira, M.R. (2017) A diferença entre Butler e Lacan acerca da diferença sexual, pág 5.

propor, ser dito mulher”⁵. Ou também “[...] *o que é disjuntivo entre o gozo e o semblante, porque ela é a presença desse algo que ela sabe, ou seja, que, se o gozo e o semblante se equivalem numa dimensão do discurso, nem por isso deixam de ser distintos na prova que a mulher representa para o homem, prova da verdade, pura e simplesmente, a única que pode dar lugar ao semblante como tal*”⁶

Leituras excessivamente endógenas da psicanálise tendem a esquecer que os semblantes “homem” ou “mulher” fazem parte da leitura das fórmulas da sexuação. Ignoram assim as dezenas de menções nas quais Lacan toma “homem” e “mulher” como semblantes, ou as diversas vezes nos quais ele fala dos semblantes enquanto dêixicos ou *shifters*. Teixeira nos critica porque passamos ao “*largo de inúmeras passagens dos seminários onde Lacan se refere a “homens” e “mulheres” deixando claro que não se trata de meros semblantes*”⁷. Mas o que seriam “homem” e “mulher” além de significantes e semblantes? Tentando proteger Lacan de Butler ele afasta as raízes da noção de dêixico na linguística da enunciação, de Jakobson a Benveniste e de Ducrot a Todorov, de qualquer afinidade com a filosofia analítica da linguagem, particularmente Austin, que propôs a noção de performativo.

Quando Teixeira reduz a sexuação a suas fórmulas, ele presume que elas podem operar no vazio, sem nenhuma antropologia de base, sem nenhuma tradução aos usos locais da língua, sem nenhuma paridade com o plano dos discursos (onde nasce o conceito de semblante). Prescindindo de qualquer decisão de leitura quanto aos modos de dizer e do dito, ele torna a psicanálise um idealismo defensivo, anódino a qualquer problema que não o seu uso privado, auto-congruente e é claro inquestionado dos “não meros semblantes”.

Argumentamos, ao contrário, que a teoria da sexuação não se reduz às fórmulas da sexuação. Ela requer uma passagem dos conceitos para as fórmulas e das fórmulas aos matemas. Ela implica decisões de leitura e não apenas explicitação de sentido. É por isso que se afastamos o conceito de gênero, por decreto, apesar de ele ter sido proposto por um psicanalista como Robert Stoller, nos tornamos cegos para sua presença como problema de leitura para Lacan. Mas é verdade, isso não foi demonstrado em nosso texto, pressupomos que nosso leitor saiba minimamente como os debates feministas estiveram presentes para Lacan nos anos 1970.

⁵ Lacan, J. (1973) O Aturdido. *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, pág. 466.

⁶ Lacan, J. (1971) *O Seminário Livro XVIII De um Discurso que não Fosse do Semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007, pág. 34.

⁷ Teixeira, M.R. (2017) A diferença entre Butler e Lacan acerca da diferença sexual.

<http://www.agalma.com.br/wp-content/uploads/2017/11/A-diferen%C3%A7a-entre-Butler-e-Lacan-acerca-da-diferen%C3%A7a-sexual.pdf>

Mas voltemos ao argumento de Teixeira de que a diferença sexual em Lacan não é real nem comporta imaginário. Reduzir a teoria da sexualidade em psicanálise à disparidade entre o gozo fálico e não todo-fálico, ignorando que ela se apresenta conexa com a noção de fantasia (andar de baixo) e com a noção de semblante (andar de cima) leva ao equívoco de entendimento quanto ao que nosso texto diz sobre a decisão de leitura da sexuação. É na decisão de leitura que aparece a explicitação da antropologia de base, que Lacan pratica fartamente com seus exemplos sobre *Totem e Tabu*, mas também no uso da mística renana do século XII. As perspectivas lógica, antropológica e matemática combinam-se na exposição e montagem da teoria de sexuação. Ao deixar isso de lado Teixeira toma o uso do termo “subtrativo” em sentido empírico intuitivo, e não na acepção lógica como empregamos. Por isso ele é levado a ler o problema conceitual da fratura do universal como um problema sociológico de “*fraqueza ou vulnerabilidade masculina*”. Realmente isso não procede e nos subestima, como em geral sua crítica subestima o pensamento de Butler⁸. Todos os exemplos pacientemente trazidos por Teixeira sobre a dimensão mítica, matemática, geométrica, lógica, taxionômica ou topológica do conceito de exceção confirmam e não desmentem nosso argumento. Ademais esse mal entendido é um pouco vexatório, pois desconhece as origens do método da formalização em Lacan a partir da antropologia e da topologia combinatória. Por razões análogas a crítica de que “*a exceção não tem como papel “recobrir” a diferença sexual, mas, como vimos, fundar um universal*”⁹ ignora que há dois tipos de exceção nas fórmulas da sexuação, a que decorre da leitura pela particular máxima e a que envolve a leitura pela particular mínima em Aristóteles. Basta ler a minuciosa reconstrução deste ponto em Le Gauffey¹⁰, ou a indicação nominal de Lacan ao texto de Brunschwig¹¹. A exceção não apenas funda o universal como o nega ou o fratura (em acordo com a expressão que usamos).

Teixeira pratica o mesmo erro que aponta em nós e que supõe em Butler. Coloca palavras no texto de Lacan, que ele nunca empregou, por exemplo, “identidade de gozo”. Ainda que Soler e Melman o façam, ambos reconhecem que o ponto de partida é que “não há identidade sexual”. Entenda-se identidade sexual como conjunção necessária entre tipo de semblante, modalidade de gozo e forma de fantasma. É esta conjunção que Butler critica como paradigma heteronormativo, androcêntrico e genital compulsório. Teixeira parece ser um exemplo nacional deste tipo de leitura, que Butler nos ajuda a criticar:

⁸ Op. Cit: 8.

⁹ Op cit: 6.

¹⁰ Le Gauffey, G. (2006). *Le pastout de Lacan: consistance logique, conséquences cliniques*. Paris: EPEL.

¹¹ Brunschwig, Jacques (1966) *La proposition particulière et les preuves de non-concluance chez Aristote*. Cahiers pour le Analyse V. 10.

“Lacan parte de uma concepção da diferença sexual enquanto posicionamentos distintos ante o falo, que não chegavam a constituir identidades, para formular, nos últimos anos do seu ensino, as identidades sexuais enquanto identidades de gozo.”¹²

Ele quer nos fazer comprar, qual ventríloquo de Lacan, que existe uma identidade do conceito de diferença sexual em Lacan. Que no primeiro andar da sexuação (a diferença de semblantes), o segundo andar (a diferença e não proporcionalidade entre gozo fálico e não-todo-fálico) e o terceiro andar (onde se escreve a diferença com a fantasia), são idênticos. Por isso ele passa de “identidades sexuais” para “identidades de gozo” e daí para a “identidade de gênero”. Por isso também ele não considera um “argumento sólido”¹³ lembrar que identificação, escolha de objeto e satisfação pulsional são aspectos diferentes da teoria psicanalítica da sexualidade, que nos levam a diferentes incidências da noção de “diferença sexual”.

A leitura de Teixeira faz da teoria lacaniana de sexuação é uma forma de preservar a identidade de gênero, de sexo e de gozo, justamente o que as teorias de gênero mais avançadas querem criticar. Mas o esforço de rigor e precisão, que tivemos para dizer o contrário, ocasionado pela leitura de Butler, é percebido apenas como uma tendência para manipular a leitura de Lacan por motivos políticos. De fato é possível uma leitura identitarista da sexuação, mas é isso que queremos? Será esta a melhor maneira de subsidiar a nossa clínica hoje? Leituras identitaristas tendem a dizer que “há algo a mais além de semblantes”, e isso define o que é um homem e o que é uma mulher. Contudo devíamos aprender que a leitura que parte da identidade esperada para os sujeitos participa do mesmo caminho, na história da psicanálise, que levou ao entendimento das homossexualidades como formas patológicas.

Ora, a patologização das homossexualidades não é efeito apenas de má leitura ou falta de rigor, mas está sobredeterminada pela participação da psicanálise em políticas discursivas, internas e externas aos textos de Freud ou de Lacan. Imaginar que a psicanálise seria imune a determinação ideológica de seus conceitos é sancionar desavisadamente políticas que já estão em curso. Os mesmos que querem uma *Escola sem Partido*, advogam uma *Psicanálise sem Gênero*.

Vejamos um caso de imputação de maledicência política atribuída ao uso que Butler faz do conceito de pulsão. É certo que a aceção que Butler faz do conceito está mais próxima de Laplanche do que de Lacan, mas daí a dizer que isso é “*manipulado para atender seus propósitos políticos*” é um exemplo de como o exagero leva à incoerência teórica.

¹² Op cit: p11.

¹³ Op cit: 10.

Disso se segue a afirmação igualmente imprudente, só que em sentido inverso, que é dizer que “em termos pulsionais não há como pensar a diferença sexual”¹⁴, que a expressão “diferença sexual pulsional”¹⁵ é inválida, porque não há pulsão masculina ou feminina, ou porque a pulsão é acéfala. O ódio á política leva o sujeito afirmar algo realmente ridículo. Qual parte de “Três ensaios sobre a sexualidade” ou de “A organização genital infantil” teremos que citar para lembrar que Freud associa o modo passivo da pulsão com a feminilidade e o ativo com a masculinidade? Ou que toda libido é masculina?

Até aqui o comentário de Teixeira é uma demonstração em ato da pertinência de nossa tese. A discussão sobre Butler leva psicanalistas a explicitarem posições e a argumentarem como entendem a teoria psicanalítica da sexualidade. Mas depois disso a crítica escorrega para a mais uma confusão semelhante a que escutamos na porta do SESC em São Paulo. Enquanto queimava-se o boneco de Judith Butler, cercado por cruces exorcistas repetia-se que: “ela não é séria, ela é apenas uma forma de ideologia de gênero, ela tem um programa político”. Os adeptos da Psicanálise sem Gênero, aqueles que se acreditam seguros e confortáveis “dentro da psicanálise”, sem contato ou contaminação ideológica alguma, cujo único argumento crítico é “você não leu corretamente o que Lacan disse” ficarão contentes com a sentença final:

“Penso que procurar ler a teoria e a prática da psicanálise pela *perspectiva de programas declaradamente ideológicos* produz um efeito de empobrecimento do empreendimento teórico de Lacan e da própria transmissão da psicanálise. (...) Aqueles que se aproximam da psicanálise e encontram artigos de analistas que afirmam que *a noção de gênero é compatível com a teoria psicanalítica*, sobretudo lacaniana, e que Lacan no final do seu ensino preconizou a dissolução das identidades sexuais, conhecerão um Lacan falando com um sotaque butleriano-foucaultiano, desconhecendo a aversão à militância que ele sempre manteve, e que os autores conhecem.”¹⁶

Não passa pela cabeça de Teixeira que é justamente esta atitude que se pode chamar de ideologia? Quando tentamos introduzir nosso interlocutor no extenso debate entre estudos de gênero e psicanálise, postando um texto de Sam Miel¹⁷ que rebate argumentos de Žižek, curiosamente parecidos com os de Teixeira, recebemos um alerta dizendo: “*Querem fazer de Lacan, depois de morto, o boneco ventríloquo da teoria de gênero*”.

¹⁴ Op cit: 12.

¹⁵ Dunker, C.I.L. & Cossi, R. (2014) A Diferença Sexual de Butler a Lacan. pág. 12.

¹⁶ Op cit: 13.

¹⁷ Miel, S. (2017) Žižek está errado sobre algumas coisas.

<http://desacato.info/zizek-esta-errado-sobre-algumas-coisas/>

Não contente com sua limitação no domínio dos gêneros em outros textos ele toma os *french studies* como uma tolice que “supõe que a nacionalidade seja um traço comum que possa unir nomes tão díspares quanto Lacan, Foucault e Derrida”¹⁸. Como se o universo anglo saxônico da teoria crítica, com seus departamentos em Harvard, Yale ou Berkeley representassem apenas sotaques indesejáveis, políticos e militantes. Na mais ingênuo alienação provinciana, Teixeira não entende a importância da política pós-identitária para os estudos de gênero e confunde política com adesão a partidos.

Lendo pejorativamente “*Problemas de gênero*”¹⁹, ele afirma que “para Butler, se a linguagem determina a nossa relação com o corpo e o sexo, logo a anatomia não tem nenhuma importância e o sexo deve ser totalmente dissociado do corpo”²⁰ e “(...) onde ficaria o Real? Esse registro é totalmente excluído: primeiro, enquanto real do corpo, uma vez que, como vimos, o sexo anatômico é considerado irrelevante, numa leitura simplista do caráter determinante da linguagem”²¹. Frases sem sentido à luz do livro seguinte de Butler, “*Bodies that matter*”. Frases que envergonham o leitor psicanalista pelo que imputam a Butler e ao feminismo que teria tornado irrelevante o “sexo anatômico”. Como se a pessoa nunca tivesse lido Gayle Rubin nem ouvido falar do dispositivo sexo-gênero, ou de sua definição da psicanálise como uma teoria feminista *manqué*.

Lembremos como Freud debateu com Deutch e Horney, que deram sustentação teórica ao movimento feminista de sua época. Lembremos como Lacan comenta as teses de Stoller, o psicanalista que criou o conceito gênero²². Não vamos esquecer da relação mais visceral de Lacan com o feminismo na figura de Luce Irigaray intervindo nos seminários XII e XIV. Nem do comentário elogioso de Lacan sobre a peça de teatro de Hélène Cixous no seminário XXIII. Rememoremos como ele enaltece a qualidade do trabalho *Polylogue* de Julia Kristeva, no Seminário XXIV. Como ele preza Michèle Montrelay, outra feminista, que aliás o apresentou a “*O arrebatamento de Lol Von Stein*”. Onde estão as provas de sua aversão à militância? E que não se confunda isso com a aversão ao pensamento idólatra, cego e fechado, convicto de suas certezas, do qual os psicanalistas não estão a salvo em sua militância psicanalítica. Luce, Michèle, Hélène, sem falar em Millot ou na sua própria filha Judith, recentemente falecida. Ainda assim, Teixeira consegue cometer a inconsequência histórica de basear-se no argumento da pessoa de Lacan e dizer que ele tinha aversão por militantes. Como se o esquecimento não fosse o outro nome da ideologia.

¹⁸ Teixeira, M. (2017) “Teoria de gênero e psicanálise”, pág. 1.

¹⁹ Butler, J.(1990) *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003

²⁰ Teixeira, M. R. (2017) “Notas sobre a teoria do gênero e a psicanálise”, p.8.

²¹ Teixeira, M.R. (2017) “A diferença entre Butler e Lacan acerca da diferença sexual”, p.14.

²² Lacan, J. (1971) *O Seminário Livro XVIII*.